

## **BULLYING NO ENSINO SUPERIOR: EXISTE?**

Ana Carolina Barros SILVA<sup>1</sup>

Maria Aparecida MORGADO<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este estudo integra o Projeto de Pesquisa Estado e Sociedade na Educação da Juventude: perspectivas educacionais de jovens de camadas médias e camadas populares. Teve a pretensão de colaborar com a escassa produção científica sobre bullying no meio universitário, verificar possíveis diferenças da sua manifestação na escola e na universidade, fornecer dados para auxiliar na elaboração de projetos de prevenção e também de redução de bullying, não apenas no ensino superior e por fim, contribuir para conscientizar a sociedade da importância e gravidade deste fenômeno. Após a análise dos dados, verificou-se que o bullying existe no ensino superior e precisa ser assistido, afinal, *bullying* é violência em qualquer contexto.

**Palavras-chave:** *Bullying*, Universidade.

### **Introdução**

Este estudo integra o Projeto de Pesquisa Estado e Sociedade na Educação da Juventude: perspectivas educacionais de jovens de camadas médias e camadas populares, vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e tem como tema central a ocorrência (ou não) de *bullying* no ensino superior. Constata-se através de levantamento bibliográfico a massiva produção científica sobre o *bullying* no ensino fundamental e médio, ou seja, situações que envolvem principalmente crianças e adolescentes. O objetivo desta investigação consiste em verificar a

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica do Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia da Universidade Federal de Mato Grosso e Graduada em Psicologia da mesma instituição. Email: krol\_137@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia da Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do Departamento de Psicologia da mesma instituição. Email: morgadom@terra.com.br

existência do *bullying* na universidade e com isso procurar contribuir com a escassa produção científica acerca deste fenômeno no contexto universitário.

Este é um tema envolto por polêmicas, a começar pela sua conceituação. *Bullying* define todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas adotadas por uma pessoa ou um grupo contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Tal forma de violência ocorre em uma relação desigual de poder, caracterizando uma real situação de desvantagens para a vítima (OLWEUS, 2001).

Esta denominação não foi adotada sem motivos. Foi importada da língua inglesa, e não foi traduzida devido à amplitude do conceito. Ao adotar uma palavra em português para denominar o fenômeno, corria-se o risco de não englobar todos os aspectos do mesmo, por isso preferiu-se manter a palavra em sua origem. (LISBOA, 2005; LISBOA & KOLLER, 2004).

O psicólogo Dan Olweus da Universidade de Bergen, na Noruega, foi provavelmente o primeiro pesquisador a pensar sobre *bullying* e dar ao fenômeno a devida importância. Pioneiro neste campo, sua pesquisa é hoje referência para os estudiosos do assunto e foi publicada, podendo ser encontrada sob o título *Agressions in the Schools: Bullies and Whipping Boys*, ainda sem tradução para o português. É preciso enfatizar que esta foi a primeira grande investigação sistemática sobre o tema.

Até a década de 90, nota-se que não havia muito interesse da comunidade de maneira geral acerca desta temática. A prática de *bullying* era vista pelos adultos, sejam eles pais ou professores, como brincadeiras inocentes, infantis e próprias da idade. Hoje o cenário é diferente (ou pelo menos, deveria ser). Além da Noruega, temos nos Estados Unidos, em Portugal e na Espanha grandes centros de estudos sobre *bullying*, verificando através de vastas pesquisas que de inocentes e infantis, essas práticas não possuem nada. As

consequências do *bullying*, especialmente para as vítimas (mas não só para elas), são demasiadamente graves e duradouras para que se continue acreditando em sua inofensibilidade.

Através de investigações científicas extensas, permitiu-se compilar uma série de possíveis consequências, à curto e longo prazo, vividas por todos os envolvidos em situações de *bullying*. Dentre estas várias, existem algumas comumente apontadas pelos estudos e facilmente constatadas no cotidiano. São elas: baixa auto-estima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade. Diante disso, as pesquisas apontam que a presença ou não de um bom suporte familiar pode ser decisivo para a superação das situações traumáticas vivenciadas ou, ao contrário, entregue-se ao isolamento social como uma forma de fuga e proteção contra as agressões. Não podemos deixar de dizer, que situações como estas podem progredir para quadros mais sérios como fobias, depressões e ideações suicidas.

Martins (2005), sugere que o *bullying* pode ser dividido em três grandes classificações. No primeiro deles está os comportamentos “diretos e físicos”, onde entraria a agressão física, o roubo ou danificação de objetos alheios, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou mesmo a ameaça de qualquer uma dessas ações. A segunda classificação envolve comportamentos “diretos e verbais”, como insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários racistas, homofóbicos ou que digam respeito a qualquer diferença no outro. E por fim, os comportamentos “indiretos” são uma terceira classificação. Nesta inclui-se atos como excluir sistematicamente uma pessoa, fazer fofocas ou espalhar boatos, ameaçar excluir alguém de um grupo para obter algum favorecimento ou, de maneira geral, manipular a vida social de outrem.

No que diz respeito a prevalência do fenômeno, encontramos uma outra polêmica. Os dados existentes para medir esta prevalência são controversos, visto que estes dependem

diretamente da definição e da frequência dos atos agressivos que cada pesquisa adota para circunscrever a ocorrência ou não do fenômeno. No Brasil, foi a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Juventude – ABRAPIA, o órgão responsável pelo primeiro grande levantamento de dados sobre *bullying*. A pesquisa foi realizada entre 2002 e 2003, e envolveu 5.875 estudantes de 5ª a 8ª séries de onze escolas do Rio de Janeiro e revelou que 40,5% dos entrevistados estavam diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo como vítimas (16,9%), agressores (12,7%) ou alvos/autores (10,9%).

Outra pesquisa mais recente, realizada no ano de 2009, através de uma parceria entre o Ministério da Educação (MEC), a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), abordou 18.599 respondentes em 501 escolas de 27 estados, entre eles estudantes, professores, diretores e pais. Os resultados apontaram para o preconceito latente nas instituições de ensino. As vítimas destas práticas discriminatórias são escolhidas por motivos como: serem negras (19%), serem pobres (18,2%) e, em terceiro lugar, por serem homossexuais (17,4%). Entre os professores, as principais vítimas são: os mais velhos (8,9%), os homossexuais (8,1%) e as mulheres (8%).

Variáveis importantes sobre a prevalência do *bullying* precisam ser observadas. Entre elas destacam-se a idade destes jovens, o sexo e os locais de ocorrência. Quanto a idade, grande parte dos estudos mostram que o *bullying* é mais freqüente quanto mais novos os estudantes. Francisco e Libório (2009) puderam identificar diferenças no comportamento dos entrevistados conforme a idade: na 5ª série, as violências aparecem mais como ameaças físicas, enquanto que nos discentes da 8ª série predominam os insultos e provocações.

No que diz respeito ao sexo, os dados apontam que os meninos vitimizam mais que as meninas. Eles se utilizariam mais da agressão física e verbal, enquanto que para elas a

agressão se dá de forma indireta e relacional, como espalhar rumores e excluir alguém. Gomes *et al* (2007) ao realizarem um estudo bibliográfico sobre o *bullying* identificaram que meninos são mais agredidos por meninos, enquanto que meninas podem ser agredidas tanto por meninas quanto por meninos. Obviamente que isso nos mostra o quanto devemos considerar nesses resultados a grande importância dos papéis de gênero, ou seja, a construção histórica da masculinidade e feminilidade.

Quanto aos lugares onde se observam as práticas de *bullying*, os mais comumente citados são os pátios dos colégios, em horário de recreio mais especificamente e na própria sala de aula, inclusive com a presença de professores. O que já nos dá notícia da certa omissão ou desconhecimento destes profissionais.

Cabe destacar que não foi encontrada nenhuma pesquisa ou levantamento de qualquer órgão/instituição que forneça dados sobre a prevalência do *bullying* em população universitária no Brasil de maneira geral, ou em qualquer um de seus estados.

Feito este breve panorama sobre o que é possível localizar atualmente a respeito do *bullying* de forma geral, podemos tentar refletir acerca de uma série de questões colocadas em meio a essas informações antes de começarmos a tratar sobre o *bullying* na universidade especificamente, já que independente do contexto o fenômeno é antes de mais nada, um tipo de violência.

Parece que a questão da conceituação vista anteriormente é bastante importante e merece ser discutida. Se procurarmos na literatura por conceitos, a grande parte do material encontrado diz que o *bullying* ocorre “sem causa ou motivo aparente”. Ainda que se possa compreender ou supor o sentido dessa expressão, a adequação de seu uso é questionável, já que todo agressor acredita piamente ter razões ou motivações suficientes para aquilo que faz.

São, sem dúvida, razões preconceituosas, entretanto, não se pode subestimar seu forte poder de estimular o comportamento violento.

Sabe-se também que os papéis sociais dos envolvidos em uma situação de *bullying* são freqüentemente alvos de discussões nos artigos já publicados sobre este tema. Os atores, são usualmente classificados ou vivem os papéis de vítimas, agressores (ou bullies) e testemunhas (ou espectadores). Entende-se que esta classificação pode ser útil para alguns estudos e provavelmente para a clarificação e explanação do fenômeno, no entanto é preciso que lancemos um olhar crítico e sistêmico sobre essas categorias, haja visto que elas tendem a apresentar perfis altamente estanques e estereotipados dos sujeitos envolvidos e da dinâmica do problema.

Na literatura, percebe-se que os agressores, por exemplo, são comumente caracterizados como fisicamente mais fortes que seus pares, dominantes, impulsivos, não seguem regras, possuem baixa tolerância à frustração, desafiam à autoridade e apresentam boa autoestima. As vítimas, por seu turno, seriam inseguras, sensíveis, pouco assertivas, fisicamente mais débeis, com poucas habilidades sociais, com poucos amigos e em geral, bons alunos. Finalmente, haveriam as testemunhas, aquelas que assistem ao drama silenciosamente, com medo de serem as próximas vítimas.

Este tipo de classificação dos papéis dos indivíduos envolvidos neste cenário, nos faz refletir: será possível afirmar que a realidade vivenciada nas escolas (ou na universidade, ou em qualquer outro contexto) reflete de fato essa imagem? É provável que não. Se pensarmos que em situações da vida cotidiana os papéis sociais interpretados por cada sujeito na sociedade nunca são tão fixos como essas categorias fazem crer, se tornaria possível considerar que um único indivíduo pode ser por vezes vítima e por outras vezes agressor, ou

que um espectador ao mesmo tempo que “apenas” assiste está também, ao mesmo tempo, agredindo.

Neste sentido, cabe mostrar que muitos estudos comprovam que o *bullying* é um fenômeno que costuma provocar um ciclo perverso, no qual muitas vítimas em uma dada situação acabam se tornando os agressores de novos sujeitos em outras oportunidades, gerando uma progressão crescente da violência. Não por acaso, alguns autores incluem a tipologia “bully-vítima” ou “alvos/autores” para ressaltar que os papéis podem ser intercambiáveis, dependendo da situação e das pessoas envolvidas.

Ainda na discussão sobre os papéis sociais praticados na situação de *bullying*, é importante ressaltar a relevância das chamadas “testemunhas” na ocorrência e permanência desta violência. A princípio, é comum imaginarmos os agressores/vítimas como principais envolvidos e responsáveis pela cena, no entanto, defende-se a hipótese de que as testemunhas podem ser não só tão responsáveis quanto esses, mas ainda motivadoras e mantenedoras de tal violência. É simplista pensar que a maior parte dos envolvidos somente assiste a esse espetáculo cruel, em um misto de resignação – frente a uma forma de violência banalizada –, e o temor de ingressar, como vítima, nesse triste palco.

Segundo vem se percebendo, as testemunhas influenciam diretamente na inibição ou estímulo ao agressor. Consta nos dados obtidos na maioria das pesquisas que um dos principais motivos da agressão é a aceitação do grupo. E nesse sentido, é importante que os programas de prevenção ao *bullying* tenham esse grupo como um dos principais públicos-alvo.

Vale notar, igualmente, que o uso de estereotípias é uma característica própria do comportamento de “bullies” (apelidar, fazer gozações é um comportamento que demanda a criação de estereótipos). É certo supor, então, que um trabalho de conscientização contra o

*bullying* em salas de aula e em outros contextos, feito sob a ótica de tipologias (tais como o binarismo “agressores populares” contra “vítimas nerds”), acabará reproduzindo as estereotipias que alimentam o *bullying* e, por conseguinte, surtindo o efeito contrário ao desejado, na medida em que sustentará a identificação infanto-juvenil à modelos que induzem à segregação e ao preconceito.

Continuando com a análise crítica do conceito em tela, vale questionar o hábito, cada vez mais comum, de se cunhar novos nomes a fenômenos antigos. Se, por um lado, essa atitude traz evidência e destaque ao que queremos compreender, por outro, também pode dificultar a visualização do problema em um contexto mais amplo. É possível aplicar essa reflexão ao fenômeno do *bullying*.

Ainda problematizando o conceito de *bullying* encontrado na literatura, Antunes & Zuin (2008) alertam para o fato de que este conceito, tal como utilizado na maioria dos estudos baseados tão somente em dados estatísticos e no diagnóstico de sua ocorrência, faz parte de uma ciência instrumentalizada, servindo a adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual. Para os autores, a expressão *bullying*, prontamente importada da literatura internacional para o quadro de estudos brasileiros, pode representar uma tipologia da violência que, na verdade, mascara os processos sociais responsáveis pela sua eclosão – seria, pois, uma forma de alienação. Nesse ponto, vale uma citação oportuna de um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, o sociólogo Theodor Adorno: “Por vezes o fundamental é falseado, quando não completamente ocultado, pelas definições obtidas pelo meio da abstração”.

Neste rumo de raciocínio, explanar sobre os fatores econômicos, sociais, culturais e individuais que dão base ao aparecimento e permanência do *bullying*, não é suficiente ou não contribui de maneira expressiva para a contenção ou redução desses processos. Desta forma,

as influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade, as relações de desigualdade e de poder, a relação negativa com os pais e o clima emocional frio em casa parecem considerados naturais e apartados das contradições culturais que os produziram. A consequência lógica é que os programas de prevenção e combate ao problema são vistos em um contexto limitado, desembocando geralmente em imperativos morais ou na defesa genérica do “educar para a paz”.

Assim, ao repensar os questionamentos acerca do surgimento do *bullying*, pode-se dizer que apesar da expressão “*bullying*” ser ainda novidade para muitos, olhando por esta ótica, o fenômeno é muito antigo, sendo mais uma faceta da violência que impregna as relações humanas em todas as sociedades, estando, portanto, intrinsecamente relacionado à intolerância, discriminação e ao preconceito, sentimentos difíceis de abandonar, por serem fenômenos demasiado humanos, perpassados por dimensões históricas, políticas e psicológicas complexas. Sem dizer, que tratando-se de um país como o Brasil, essas instâncias estarão sempre atreladas a problemáticas de exclusão social e desigualdade, ou pelo menos, na atual configuração vivenciada pela sociedade.

## **Métodos**

Este estudo está orientado por uma perspectiva qualitativa e transcorreu por um ano. Para melhor entendimento, dividiremos a pesquisa em duas etapas. Na primeira delas foi realizada uma coleta de dados através de levantamento e estudo bibliográfico da produção científica existente hoje sobre *bullying* no ensino fundamental e médio. Para esta fase, foi descartado o material encontrado sobre o *cyber bullying*, um fenômeno que vem sendo discutido recentemente e também sobre o assédio moral em contexto de trabalho, algumas

vezes denominado por *bullying*. Estas duas temáticas foram excluídas no levantamento por não serem consideradas pertinentes ao objeto de pesquisa. Na segunda fase, foi realizado um novo levantamento e estudo bibliográfico, mas dessa vez das obras sobre *bullying* em contexto universitário. Concluído este estudo e em complemento a esta etapa da pesquisa, iniciou-se o processo de seleção de sujeitos, seguido de entrevistas semi-estruturadas com os mesmos. No total foram realizadas cinco entrevistas com acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso. Para a seleção dos sujeitos não foi levado em consideração nenhum critério de exclusão, sendo assim, qualquer pessoa poderia ser entrevistada para esta investigação. Todas as falas foram gravadas e transcritas com a autorização dos entrevistados para uso nesta pesquisa. Os dados coletados através da entrevista foram analisados em conjunto com os dados obtidos através das duas etapas já explicitadas. E por fim foi possível realizar uma comparação entre a bibliografia referente a população-alvo “ensino fundamental e médio” e população-alvo “ensino superior”, e certamente, contribuir para esta última por meio das entrevistas realizadas.

## **Resultados e Discussão**

Através das entrevistas fica evidente a presença do *bullying* no cotidiano universitário. Constatou-se através das falas dos sujeitos situações de *bullying* vinculadas ao denominado trote universitário e também atitudes agressivas indiretas, ou seja, foram apontadas pelos voluntários ocorrências de exclusão, ameaças, humilhação e intimidação, por exemplo. Mas não foram citadas formas de violências mais diretas, como a agressão física.

Em uma análise psicanalítica destas constatações, é possível admitir que o preconceito e a intolerância podem ser localizados em cada ser humano, sem exceção, o que significa que

nestas atitudes de agressão, há algo instintual, inato ao humano. Freud chamaria esta energia direcionada ao outro com finalidades destrutivas de pulsão de morte.

Em termos lógicos, se todos têm uma “imagem de si”, é porque essa identidade construiu suas fronteiras em delimitação a um “outro” e, a partir disso, basta apenas mais um passo para se imaginar esse outro como intrinsecamente mau e rechaçá-lo. A psicanálise, diga-se a propósito, demonstra que é exercício comum atribuir ao “outro” todas as características supostamente ruins que rejeitamos em nós mesmos – trata-se do mecanismo de defesa psíquica denominado “projeção”. Não por acaso, Freud demonstrou, em conhecido artigo, que o “estranho” é, paradoxalmente, aquilo que temos de mais íntimo.

Quanto ao processo civilizatório, entende-se que cada ser humano é obrigado a renunciar grande parte de suas tendências pulsionais – amorosas ou agressivas – em prol da constituição de um “bem maior”, qual a seja, a esfera da vida social e do mundo da cultura. Mas é certo, segundo Freud, que há um “mal-estar na civilização”, pois essa “troca” nunca é plenamente satisfatória para cada homem ou mulher: seus impulsos mais íntimos buscam expressão de alguma forma, apesar de toda a reprovação social. Nesse sentido, o sofrimento é inevitável, e uma forma simples de tentar aplacá-lo se relaciona com a projeção na base do preconceito: ao não reconhecer em minha pessoa os pensamentos e sentimentos que julgo negativos, projeto-os no “outro”, que passa a ser merecedor de meu ódio e desdém.

Sendo assim, considera-se que a criação de identidades pessoais e sociais é, essencialmente, um fenômeno narcísico, ou seja, voltado para processos egocêntricos que resistem ao reconhecimento da alteridade em sua irredutível diferença. Destarte, a diversidade do outro pode até mesmo ser reconhecida, mas geralmente é vista, comparativamente, como inferior ou abjeta.

É claro, pois, que no contexto social contemporâneo, onde valores como estética e consumo são cultuados, é de fato muito tentador para os jovens, quererem afirmar suas identidades (formações narcísicas) rechaçando ou excluindo aqueles colegas que não se enquadram neste modelo hegemônico, ao invés de observarem, neles mesmos, a angústia e a insegurança de nunca poderem corresponder, total e plenamente, a tais padrões perversos.

Apesar da forte tendência humana ao preconceito e à intolerância e a adesão forçosa ou não, aos padrões e modelos sociais, é inegável que as sociedades são, cada vez mais, fragmentadas por identidades dissonantes, responsáveis por uma explosão da diversidade em vários âmbitos. Em um espaço configurado dessa maneira, o exercício da tolerância e do respeito tornam-se claramente imprescindíveis. Exercício este difícil e até mesmo doloroso, demanda certa relativização de nossos valores morais, nossas crenças e, saliente-se, em uma atenuação de nosso narcisismo, diante da diversidade das experiências humanas – nenhuma melhor ou pior do que as outras.

Partindo desta discussão, pode-se pensar em quão necessária é a compreensão de que grande parte da riqueza humana é justamente sua diversidade, e que todos têm direito de viver com dignidade. Trata-se de fomentar uma atitude de cooperação, reciprocidade e respeito mútuo, necessária a uma Educação para a Cidadania, para a Democracia e para o respeito aos Direitos Humanos. Acreditamos que projetos neste sentido possam contribuir de maneira significativa para a redução das ocorrências de *bullying* no contexto escolar.

Enfatiza-se também que esta conscientização precisa passar, necessariamente, pelos pais, professores e por todos aqueles que de alguma forma estão envolvidos com a educação das crianças e dos adolescentes. Nossos jovens pautam-se em exemplos, muito mais do que em palavras vazias. Assim, não há benefício de fato, ao dizer através de lições morais, palestras e “brincas” sobre a não-violência, a ética, a moral e ações para o bem, sendo que no

dia-a-dia as atitudes são contrárias, em situações como desmerecer as pessoas de baixa renda, as mulheres, os negros e os homossexuais, ou até humilhar os torcedores do time de futebol adversário, entre vários outros exemplos habituais de intolerância.

Ainda sobre projetos de prevenção, não podemos deixar de pensar em ações que envolvam o treinamento de habilidades sociais, já que recursos como estes podem auxiliar os jovens a encontrar alternativas no momento de se engajar no grupo, para que esta necessidade de aceitabilidade do outro não seja permeada de atitudes violentas.

## **Conclusão**

Sendo assim, trabalhar a respeito de estereótipos, do preconceito e discriminação embutidos nos jovens e o prejuízo que trazem pode ser uma maneira de reduzir as ocorrências do fenômeno na escola e na universidade e também um caminho para o psicólogo pensar intervenções eficazes junto aos diretores, reitores, professores, pais e discentes.

Deseja-se que as diferenças sejam enxergadas como a riqueza de ser humano e respeitada em seu valor. Que comecemos a repensar os estereótipos e modelos hegemonicamente adotados para nossas crianças e adolescentes. Que voltemos nossa atenção as atitudes de todos os envolvidos indiretamente também na ocorrência de bullying como os diretores, pais e professores, para que estes percebam sua importância na dinâmica destes acontecimentos e responsabilizem-se de fato, não apenas no discurso. Que entendamos o bullying não como algo novo e desconhecido, mas como mais uma forma de violência, preconceito e discriminação, que como todas as outras ferem o direito de todos os homens e precisa ser combatida. E que projetos numa perspectiva mais global de atuação sejam

fomentados com contribuição dos psicólogos, para que possa se investir em prevenção e não tanto no “tratamento” da situação ou esperando que esta já esteja colocada de forma alarmante e causando indignação para que seja combatida.

É também salientar que o *bullying* existe não apenas envolvendo crianças e adolescentes, mas também jovens universitários. E que a situação, independentemente do contexto, precisa ser assistida e considerada relevante, pois trata-se em sua essência de violência.

E por fim, enfatiza-se a importância de mais investimentos e pesquisas nesta área, principalmente no que concerne ao contexto universitário, já que o mesmo apresenta um número muito escasso de investigações ao seu respeito.

## **Referências**

ANTUNES, D.C.; ZUIN, A.A. S. 2008. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia e Sociedade*, v.20, p.33-41.

BANDURA, A. 1986. *Social foundations of thought e action – A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 618 p.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. 2005. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis, Vozes, 206 p.

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: VERUS, 2005.

FIPE/MEC/INEP. Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, de necessidade especiais e socioeconômica: sumário dos resultados da pesquisa. Brasília, 2009.

FRANCISCO, Marcos Vinicius & LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.22 (2), p.200-207, 2009.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In: *Obras Completas* (v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FREUD, Sigmund. O Estranho (Das Unheimliche) (1919). In: *Obras Completas* (v. 17). Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FREUD, Sigmund. *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MARTINS, Maria José. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, v.18 (1), p.93-105, 2005.

OLWEUS, D. *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. Washington: Hemisphere Pub. Corp.; New York : Halsted Press, 1978.

OLWEUS, D. Bully/victim problems among schoolchildren: basic factors and effects of a schoolbased intervention program. In: PEPLER, Debra & RUBIN, Kenneth. *The development and treatment of childhood aggression*. Philadelphia: Lawrence Erlbaum, 2001.